

# mercado coronavírus

FOLHA DE S.PAULO ★★★  
QUINTA-FEIRA, 24 DE SETEMBRO DE 2020 A19

## Retomada de procura por trabalho coincide com queda de vagas ofertadas

Total de postos disponíveis em sites e classificados de emprego cai até 36%; informalidade cresce

Fernanda Brigatti  
e Diego Garcia

SÃO PAULO E RIO DE JANEIRO A volta de mais de 1 milhão de desempregados à procura de um trabalho após o período de distanciamento social coincide com um período de redução nas vagas ofertadas, o que deve contribuir para manter em alta os níveis de desocupação no país, apesar dos novos postos que foram criados em agosto.

A oferta de novas vagas em sites e agregadores de classificados de empregos caiu entre 12% e 36% neste ano na comparação com os primeiros oito meses do ano passado.

Levantamento feito pela Folha em empresas como LinkedIn, Infojobs, Banco Nacional de Empregos e Indeed, além do CATE (Centro de Apoio ao Trabalho e Empreendedorismo), ligado à Prefeitura de São Paulo, mostra um encolhimento nas novas seleções para postos trabalho.

Em abril e maio, o CATE registrou queda de 70% nas seleções abertas —de 10.715, em 2019, para 3.341, em 2020. No acumulado dos oito primeiros meses, a redução é 35%, ao mesmo tempo em que o número de inscritos para as seleções subiu 18%.

No Banco Nacional de Empregos, enquanto as buscas subiram 18%, os anúncios caíram 33%.

A falta de novas vagas é acompanhada pelo aumento no número de pessoas sem trabalho, seja ele formal ou informal. De maio a agosto, a desocupação subiu 27%, passando de 10,1 milhões para 12,9 milhões, segundo a Pnad Covid, pesquisa semanal do IBGE que monitora os efeitos da pandemia sobre o emprego.

O mês marcou também o crescimento da força de trabalho, ou seja, do número de pessoas que não têm ocupação ou que gostaria de ter. O avanço é pequeno, de 1,4%, mas indica que mais gente voltou a procurar trabalho.

O encolhimento da força de trabalho ajudou a segurar a taxa de desemprego durante a pandemia. Com menos gente buscando vaga, a desocupação não cresceu tanto. Mas isso também começa a mudar.

Só na última semana de agosto, 1,1 milhão de pessoas passaram a buscar trabalho, de acordo com o IBGE.

Segundo o Banco Nacional de Empregos, a procura por seleções subiu 63% entre julho e setembro ante o período até junho. Para Marcelo de Abreu, presidente do BNE, o segundo semestre será “corrida contra o tempo para a recuperação financeira dos efeitos causados pela pandemia”.

A secretária-adjunta de Desenvolvimento Econômico e Trabalho da capital, Ana Carolina Lafemina, diz que a melhora na demanda por trabalhadores ainda é sutil nos postos do CATE, onde setores como saúde e telemarketing são os que ainda abrem vagas.

No Infojobs, apesar da queda, o número de vagas vem subindo desde junho em relação ao mês anterior. No LinkedIn, onde os postos são mais qualificados, as funções com mais vagas são ligadas a tecnologia, como engenharia e arquitetura de software e desenvolvedor de sistemas de interação.

Em agosto, o número de pessoas ocupadas subiu pela primeira vez na Pnad Covid —eram 82,1 milhões de brasileiros com algum trabalho, 700 mil a mais que em julho.

O diretor-adjunto de pesquisas do IBGE, Cimar Azeredo, afirma que o resultado está ligado ao desempenho do setor informal, mais frágil em crise como a atual, mas também com retomada mais rápida.

“Quando se perde a carteira de trabalho assinada, a dificuldade histórica de recompor é maior”, afirma.

Na pandemia, o setor informal foi duramente afetado pelas políticas de distanciamento social. O fechamento das empresas e do comércio atingiu a renda de ambulantes, vendedores de praia e outros que trabalham por conta própria nas ruas.

“Com a reabertura do mercado, essas pessoas voltam a trabalhar. Essa parcela expressiva dessa população voltando a trabalhar é a informalidade crescendo”, disse o diretor-adjunto do IBGE.

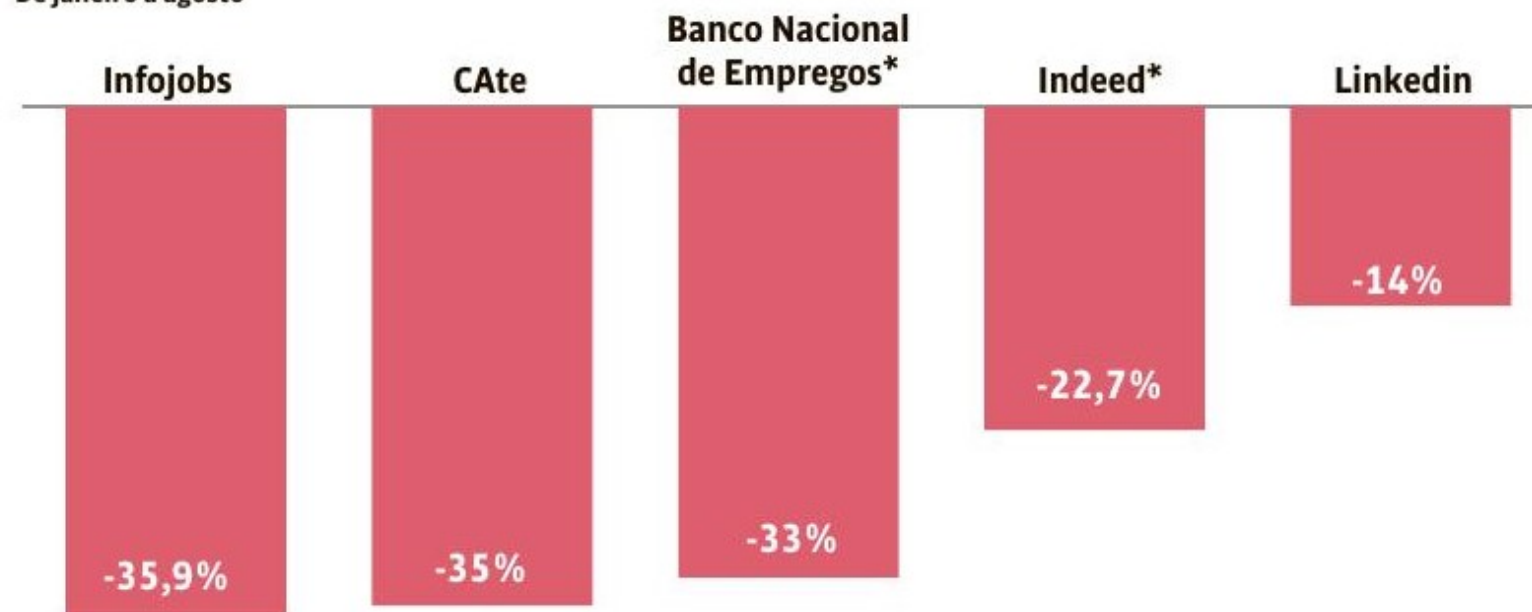
Segundo a Pnad Covid de agosto, 27,9 milhões de trabalhadores estavam na informalidade. O número representa 33,9% da população ocupada, ante 33,6% em julho.

A informalidade foi a saída encontrada pelo metalúrgico Graciano Alves de Almeida Neto, 34. Seu último contrato com carteira assinada terminou em maio do ano passado,

### Queda nos anúncios de vagas

Sites e agregadores de anúncios registraram redução em novos postos

De janeiro a agosto



\*Até setembro | Fonte: Secretaria de Desenvolvimento de São Paulo e empresas



O desempregado Alves de Almeida Neto, que tenta voltar ao mercado após vários trabalhos informais; sua última carteira assinada foi em maio do ano passado Eduardo Anizelli/Folhapress

após ser demitido de um fábrica de peças para automóveis.

Desde então, ele já trabalhou como motorista de locação, usou aplicativos de transporte para fazer corridas em seu carro e atuou em um lava-rápido. Há uma semana, encerrava o bico mais recente, como sergente de pedreiro.

“Hoje eu busco qualquer coisa mesmo. Já tentei vaga de ajudante-geral e mando currículo para qualquer trabalho. Cheguei a fazer três entrevistas recentemente, mas não consegui”, diz.

Para a economista Ana Beatriz Moraes, do Ibmecc, o aumento na taxa de desocupados preocupa e reflete um momento de parada brusca na economia pela pandemia.

A retomada, na avaliação dela, só virá pela combinação de flexibilização do distanciamento social com reformas administrativas e fiscais. “Sem uma reforma mais ampla do Estado, é impossível prever uma recuperação”, afirma.

Na avaliação de Otto Nogueira, economista do Insper, o processo de retomada não vai ser tão fácil como se imaginava e como vem sendo propagado.

Segundo ele, o setor de serviços, principal motor da atividade econômica e maior empregador do país, responsável por 75% do cálculo do PIB (Produto Interno Bruto), é o mais afetado pela crise, o que impede uma recuperação rápida.

“A queda brusca nos serviços mostra que as perspectivas não são alentadoras como se diz por aí”, analisou.

O setor recuou 9,7% no segundo trimestre, o primeiro totalmente sob efeito da pandemia do novo coronavírus.

### População desocupada aumentou 27,6% em quatro meses na pandemia

Segundo dados da Pnad Covid, 2,8 milhões de brasileiros ficaram desempregados desde maio



## Retomada social passa pelo incentivo ao emprego de jovens

### OPINIÃO

Luciana Antonini Ribeiro  
Cofundadora da EB Capital

Quase 30% dos jovens brasileiros estão sem emprego. São os nossos “desempregados profissionais”. O impacto em suas vidas, e na produtividade do país, será de longo prazo. Medidas urgentes de integração desse público ao mercado de trabalho qualificado são fundamentais para reverter essa triste realidade.

Enquanto o índice de desemprego no Brasil está em 14,3%, com mais de 13,7 milhões de pessoas sem atividade formal, entre os mais jovens, de 18 a 24 anos, a taxa de desocupação, no segundo semestre deste ano, estava bem acima, em 29,7%, segundo o IBGE.

Sem oportunidades concretas, jovens de classe média e baixa, muitos em busca do primeiro emprego, se veem obrigados a recorrer a aplicativos de entrega ou atividades

informais, que praticamente não oferecem perspectivas de evolução profissional e social.

É a precarização do emprego, que afeta indivíduos e o país, com a perda de milhões de talentos sem qualificação adequada, e a produtividade nacional. Das lacunas estruturais brasileiras, talvez seja essa a de consequências mais impactantes e com efeito em cascata.

Historicamente, os jovens que foram em busca do primeiro emprego ao longo das últimas crises brasileiras são os mais punidos. Foi assim, por exemplo, nos anos 1990, período de impeachment, inflação em alta e tentativas de políticas econômicas para estabilizar a economia.

A geração millennial conhece essa história, porque chegava ao mercado nesse período e sentia as dificuldades que a geração Z experimenta agora para começar uma carreira. Entre 1990 e 2002, enquanto a taxa de desemprego na faixa dos 18 a 20 anos cresceu 15%,

[...]

Falamos muito da retomada verde, mas precisamos ampliar as conversas, sobre como garantir a retomada social, que passa pela reinserção de milhões de brasileiros ao mercado e, principalmente, focar os jovens e todo o potencial que podem compartilhar para a produtividade do nosso país

para quem tinha entre 24 e 59 anos, foi de 4,6%.

O impacto das crises para os mais jovens é um fenômeno mundial. Nos Estados Unidos, depois da recessão de 2008, os millennials, por exemplo, foram o grupo que mais sofreu, em termos de renda e de desemprego.

Pesquisa publicada recentemente pelo Financial Times também traz que a recuperação dessa geração foi muito mais lenta. E agora, diante de uma segunda grave crise, em pouco mais de uma década, já se fala da necessidade de uma redistribuição de renda geracional como política pública básica. Pessoas hoje na faixa dos 40 anos, que deveriam estar no pico de seus rendimentos, estão muito atrás das gerações anteriores.

O jovem chega ao mercado sem experiência e, no mais das vezes, sem a qualificação necessária, porque o ensino médio ainda deixa muito a desejar, e a formação não está em sintonia com o que as empre-

sas exigem. Pois esse quadro se agravou bastante com a acelerada digitalização da economia, durante a Covid-19.

Nesse sentido, tenho conversado com muitos empreendedores voltados ao setor de educação —alguns focados na economia real, outros voltados ao ambiente mais digital. E há consenso entre operadores, e também investidores focados no chamado investimento com propósito, de que ampliar investimentos em empresas que garantam o acesso à formação técnica e profissional, inclusive a partir de trilhas do ensino médio, é parte importante da solução para o desemprego jovem. Assim como são os cursos livres, focados em qualificar profissionais para demandas específicas.

Além do problema da falta de qualificação, faltam incentivos para o primeiro emprego. Quem está começando custa tanto quanto um trabalhador com experiência e qualificação. A escolha se torna, assim, injusta. Reduzir o custo de

contratação é uma estratégia possível e recomendada pela OCDE aos países em ciclos recessivos e com dificuldade para ter jovens no seu quadro de colaboradores, como o Brasil.

A redução de exigências à contratação é outra boa alternativa, principalmente diante da nossa realidade de oportunidades desiguais. Por isso, fico feliz em ver ações como as do Google, da EDP, da Klabin, da Ambev e do Itaú, que eliminaram a exigência do inglês, e algumas até de curso universitário, para os estagiários remunerados.

Falamos muito nestes dias da retomada verde —de fundamental relevância para nosso país. Precisamos, no entanto, ampliar as conversas, entre governos e setor privado, sobre como garantir a retomada social, que passa pela reinserção de milhões de brasileiros ao mercado e, principalmente, focar os jovens e todo o potencial que podem compartilhar para a produtividade do nosso país.

